

## **Política e fissuras sobre crianças e jovens: psiquiatria, neurociência e educação.**

**Saete Oliveira**

**Pesquisadora no Nu-Sol,**

**Professora no Depto. de Política da PUC/SP**

[peemanki@yahoo.com.br](mailto:peemanki@yahoo.com.br)

<http://lates.cnpq.br/4934386477350524>

### **Notícias**

De frente ao computador.

Uma agência internacional de notícias veicula na internet o caso de André Thomas, um jovem negro condenado à pena capital no estado do Texas sob a acusação de ter matado sua mulher, seu filho e sua enteada de 13 meses de quem extirpou o coração. Enquanto aguarda sua execução no corredor da morte arrancou com suas próprias mãos o último olho que lhe sobrava e o comeu. Após o episódio André, finalmente consegue o que vinha pleiteando desde o início de seu julgamento: ser encaminhado a um manicômio para se submeter a tratamento psiquiátrico. Janeiro de 2009.

De frente à televisão.

Uma autoridade governamental de São Paulo, BR, é entrevistada em programa televisivo de mesa redonda por jornalistas. Pergunta mote: não há uma maneira de recolher compulsoriamente crianças e jovens que vivem nas ruas? Resposta: Deve-se recolhê-las e isto pode ser feito. Entretanto, há de se demarcar uma diferença entre crianças e adultos. Diante de um mendigo adulto você deve oferecer albergues nos quais ele possa ser abrigado caso deseje, mas você não pode obrigá-lo a isto. Com crianças não. Deve-se obrigar e ponto. Não existe isso de: não quero ir para a escola, não quero isto, quero aquilo. Criança não tem querer! Janeiro de 2009.

De frente a bancos de dados

O Estado do Rio Grande do Sul, BR, sanciona em 2006 a lei que transforma *Primeira Infância Melhor* (PIM) em política permanente. Trata-se de programa dirigido a crianças de 0 a 6 anos baseado em orientações da neurociência desenvolvido desde 2003 e coordenado pela Secretaria da Saúde em parceria com as secretarias da Educação, da Cultura e do Trabalho, Cidadania e Assistência Social. O programa norteia-se por conceitos como vulnerabilidade e qualidade de vida, conectados a desdobramentos com política de segurança. “Estudos na área da neurociência comprovam que, de zero a seis anos — e especialmente nos três primeiros —, forma-se toda a estrutura neuronal do cérebro. Paralelamente, constroem-se a subjetividade, a segurança emocional, a percepção de normas de socialização, noções básicas de saúde, higiene e nutrição. É nessa fase que também se desenvolvem a linguagem e as noções de limites — fundamentais para o crescimento integral, saudável e feliz da criança.”<sup>1</sup>

### **Qualidade de vida**

O conceito de qualidade de vida foi um instrumento importante para forjar o programa de Tolerância Zero, na década de 1980, nos EUA. Os efeitos produzidos pela aplicação deste programa assumem desdobramentos múltiplos diferenciados que corroboram o investimento na política de controle, atravessada pela colaboração recíproca entre aqueles que defendem abertamente este programa como entre os que apregoam uma prática diferenciada e, no entanto, aderem a dispositivos específicos deste mesmo programa, promovendo ajustes cabíveis, a fim de certificá-lo com variações provedoras da continuidade do regime do castigo equalizado ao conceito de qualidade de vida.

Hoje o conceito de qualidade de vida se espraia e passa a instituir no âmbito do direito penal, a designação de “bem jurídico tutelado” ao lado de termos como “vida

---

<sup>1</sup> Assessoria de Comunicação Social. “Governador sanciona lei que transforma Primeira Infância Melhor em política permanente” In Secretaria de Saúde do estado do Rio Grande do Sul, 11 de julho de 2006. Disponível em <http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=noticias&cod=1826>. Consultado em 6 de janeiro de 2007.

humana, liberdade, solidariedade social, patrimônio, probidade administrativa, meio ambiente, qualidade de vida, segurança no trânsito, regularidade do processo eleitoral, ordem econômica, tributária e financeira, relações de consumo, etc.”<sup>2</sup> Este subsídio dado ao conceito é evidenciado em argumentações que vão da defesa de reformas e deslocamentos do sistema penal e carcerário intra e extra-muros às diretrizes de programas e políticas de saúde.

Se para o direito universal o bem tutelado jurídico nivela palavras destituindo-as de sua própria história é possível mostrar pela análise histórico política, ainda que de forma pontual e breve, como a medicalização das pessoas a partir do investimento no governo de corpos tenros de crianças se faz pela presença cada vez mais naturalizada da psiquiatria como referência universal para a construção de uma linguagem de saber-se governar para saber-se governado.

Não é fortuito que tenha sido o Grupo de Qualidade de Vida da Divisão de Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS), que tenha definido qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL GROUP, 1994)".<sup>3</sup> Esta definição, por sua vez, balizou a construção do instrumental denominado WHOQOL, no início da década de 1990, respondendo aos objetivos da OMS de delimitar parâmetros que pudessem medir a denominada qualidade de vida em âmbito internacional e com alcances universais. Para isto desenvolveu um *projeto colaborativo multicêntrico* que reconheceu que apesar da falta de consenso em torno do conceito de qualidade de vida, três aportes foram obtidos como norteadores: subjetividade, multidimensionalidade e presença de dimensões positivas (mobilidade) e negativas (dor). O reconhecimento da multidimensionalidade mostrou se como mediador entre

---

<sup>2</sup> DOTTI, René. "A crise do sistema penitenciário" In *Congresso Nacional de Execução Penal*. Rio de Janeiro, Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 2003, p.12. René Ariel Dotti é Professor Titular de Direito Penal na Universidade Federal do Paraná . – Membro de comissões de reforma do sistema criminal brasileiro, instituídas pelo Ministério da Justiça .- Membro do Conselho Diretor da Associação Internacional de Direito Penal.

<sup>3</sup> OMS. Apud *Versão em Português dos instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL)*, 1998. Disponível em <http://www.ufrgs.br/Psiq/whoqol.html> . Consultado em 7 de janeiro de 2009. Artigo impresso: Fleck MP, Louzada S, Xavier M, Cachamovich E, Vieira G, et al. "Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL - 100)" In *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, ABP, 21: 21-288 1999.

os outros dois aportes a fim de estabelecer os seis domínios a serem contemplados: domínio físico, domínio psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente, espiritualidade/religião/crenças pessoais.

A conexão do projeto colaborativo multicêntrico da OMS e o Brasil foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Qualidade de Vida do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), publicado em 1998, e tomado como referência no país como estudo pioneiro na literatura médica, na qual o conceito de qualidade de vida passa a responder a uma subjetividade de equivalência entre direito e cidadania, saúde e segurança.<sup>4</sup>

Articula-se, desse modo, a promoção da qualidade de vida, o georreferenciamento de vulnerabilidades ordinárias e monumentais, visando um cálculo de riscos assegurados por meio da parceria e disputa da segurança.

### **Qualidade de vida e vulnerabilidade**

Embora o conceito de qualidade de vida, na área da saúde, tenha se firmado de forma abrangente nos anos 1990, a literatura médica se refere ao termo pela primeira vez na década de 1930, e atribui, regularmente, o uso inicial da expressão, ao discurso político do projeto de *Grande Sociedade* do presidente dos EUA Lindon Johnson, em 1964 ao dizer que “os objetivos não podem ser medidos através do balanço dos bancos. Eles só podem ser medidos através da qualidade de vida que proporcionam às pessoas.”<sup>5</sup> O interesse inicial pelo termo e possíveis instrumentais de medição foi compartilhado por filósofos, cientistas sociais e políticos. Seus desdobramentos não tardaram a compor o discurso médico e exames clínicos vinculados às humanidades. Voltemos um pouco ao final do século XX, mais especificamente nos anos 1980. O Programa de tolerância zero lançará mão do termo qualidade de vida para designar segurança e controle da segurança como redução da violência pela eliminação de atos mínimos indesejáveis, que se inicia com o que em Nova York se nomeou por “peste das ruas”. De forma simultânea, na mesma década de 1980, pesquisadores da Universidade de Harvard, na busca de isolar o vírus da AIDS, estabelecem os

---

<sup>4</sup> A este respeito ver SEIDL, Eliane Maria Fleury e ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. “Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos” In *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 20(2)580-588, mar-abr, 2004.

<sup>5</sup> Lindon Johnson. Apud OMS, 1998.

primeiros contornos mais recentes do conceito de vulnerabilidade, agora a partir do advento da AIDS, ainda no momento em que ela era chamada de “peste gay”. A OMS, rastreando práticas ligadas ao sexo e às drogas e munida do discurso humanitário da tolerância procura, já neste momento, desvincular a estigmatização circunscrita a um grupo de risco, preparando o balão de ensaio pela dos direitos humanos para afirmar que qualquer um pode ser infectado. O que se desenha é que diante do risco ampliado de contágio afasta-se o próprio termo risco para sobrepor a este o de contágio associado diretamente a indicadores ainda não sofisticados de vulnerabilidade individual e vulnerabilidade social. Redimensiona-se, desse modo, um vínculo entre medicina, psiquiatria e controle epidemiológico, articulado às chamadas condutas seguras que envolviam sexo e drogas. A partir de 1990, mesma década em que o investimento nas neurociências explode, multiplicam-se os estudos que vieram propor novos instrumentos para avaliação de qualidade de vida, como condição recíproca para a afirmação do próprio conceito e sua aplicação generalizada, são em sua “maioria desenvolvidos nos Estados Unidos com um crescente interesse em traduzi-los para aplicação em outras culturas. A aplicação transcultural através da tradução de qualquer instrumento de avaliação é um tema controverso. Alguns autores criticam a possibilidade de que o conceito de qualidade de vida possa ser não-ligado à cultura. Por outro lado, em um nível abstrato, alguns autores tem considerado que existe um ‘universal cultural’ de qualidade de vida, isto é, que independente de nação, cultura ou época, [e] é importante [para] que as pessoas se sintam bem psicologicamente, possuam boas condições físicas e sintam-se socialmente integradas e funcionalmente competentes”.<sup>6</sup>

No fim dos anos 1990, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) financiou seu próprio grupo de pesquisadores, coordenado por Caroline Moser, com o objetivo de traçar estratégias para a redução da pobreza, pautado por uma metodologia baseada no conceito de vulnerabilidade — que na década anterior havia instrumentalizado as pesquisas de medicina preventiva sobre a AIDS e que a própria literatura médica atribui a procedência de utilização do termo aos Direitos Humanos<sup>7</sup>,

---

<sup>6</sup> OMS, Op. Cit..

<sup>7</sup> A este respeito ver “A origem do conceito de vulnerabilidade”. In [http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=23792](http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=23792), 11, 01/2006.

apesar do conceito de vulnerabilidade ser procedente da articulação dos campos político e biológico ligados à idéia de contágio, prevenção e normalização. Esta pesquisa do BID foi uma das portas de entrada na América Latina do uso mais recente do conceito de vulnerabilidade, reinstaurado como vulnerabilidade social em simultânea conexão com mensurações acerca da qualidade de vida de populações específicas.

Este conceitual metodológico ganhou contornos precisos, no início do século XXI em São Paulo, com a construção de *indicador social sintético*<sup>8</sup>, pela Fundação SEADE, denominado Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), a partir do projeto piloto Fábrica de Cultura da Secretaria Municipal da Cultura.

“existe um vasto consenso de que a adolescência/juventude é um período de intensa vulnerabilidade. Na verdade, o que se deseja enfatizar é que políticas eficientes para jovens seriam aquelas que, de alguma forma, contribuíssem para que este período natural de turbulência transcorra de forma a impedir ou minimizar escorregões para a transgressão. O fundamental é que a passagem pelo projeto seja sentida pelo jovem como um crescimento, uma preparação para o futuro.”<sup>9</sup>

Lançando mão da noção de normalização do normal na sociedade de controle sugerida por Edson Passetti<sup>10</sup>, é possível sinalizar que por um lado o investimento no governo, de crianças e jovens permanece capaz de suplantar a controvérsia transcultural para uma aplicação universal da qualidade de vida, instrumentalizada pelo conceito de vulnerabilidade. A mediação multidimensional necessária entre o universal e o sintético, não mais pela referência do desenvolvimento, própria da sociedade disciplinar, mas na sociedade de controle pela referência da sustentação —

---

<sup>8</sup> A este respeito ver JANNUZZI, Paulo de Martino. “Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil” In *Revista de Serviço Público*. Brasília, 56 (2), 137-160, Abri-Jun de 2005.

<sup>9</sup> Fundação SEADE, <http://www.seade.gov.br>, consultado em 08/11/2006.

<sup>10</sup> PASSETTI, Edson. “Conversa sobre anotações a respeito de política, resistências, sociedade de controle e educação”, In *Anais do 1o. Ciclo de Conferências Políticas que produzem educação*. São Gonçalo:Uerj, 2008, pp. 85-96.

de onde deriva também o termo sustentabilidade — de uma prática de governo da verdade. Por outro lado, é nos primeiros mapeamentos da AIDS, envolvendo sexo e drogas, que podemos encontrar uma das procedências de conexões entre vulnerabilidade, qualidade de vida e segurança, quando os instrumentos ainda mais precários de medição já envolviam infectados e não infectados remetidos aos aportes de “qualidade de vida individual”, “qualidade de vida social” e “qualidade de vida programática”. Por sua vez, é este último aporte programático que proporcionou o deslocamento da esfera individual e social para o compartilhamento político entre programas de segurança.

### **Desassossego no presente**

Uma palavra feita título pode nomear uma coisa, um artigo, um livro, uma peça teatral, uma sinfonia, um disco, uma coletânea, uma exposição de arte e tantas outras coisas. E pode, também, arruinar a representação. Um título, ainda, pode conferir a alguém uma autoridade transitória e móvel, restrita de seu conhecimento específico sobre determinadas coisas precisas, também, específicas. Entretanto, deve-se levar em conta uma breve constatação. Abundam aqueles que fazem de seus corpos e de suas vidas titulados-organismos. Você os olha e já não reconhece gente. Mas um concentrado de compêndios; conceitos; citações; artigos; prescrições; predições; prevenções; receitas; bulas; códigos; julgamentos; censuras; sentenças; penas; sobre-normalizações. Discurso psiquiatrizado.. Bí-pe-de-hu-ma-no-re-ple-to-de-tí-tu-los.

Michel Foucault ao situar os dispositivos de normalização mostrou que estes são efeitos de um exercício de poder e regime de verdade que passam a investir na vida. Simultaneamente, em uma das aulas no Collège de France, de seu curso no ano de 1975, sublinhava a precisa argumentação de Georges Canguilhem em torno dos termos norma e normal vinculados às práticas médicas e pedagógicas arregimentadas na construção da defesa da sociedade e articuladoras de mecanismos de segurança.

Georges Canguilhem chamou a atenção para a armadilha da assimilação da sociedade ao organismo, dizendo que esta provém de uma dupla tentação inversa, a de assimilar um organismo a uma sociedade.

“Em outros termos, o que domina a assimilação do organismo a uma sociedade é a idéia da medicação social, a idéia da terapêutica social, a idéia de remédios para os males sociais.”<sup>11</sup>

Não é de surpreender que Canguilhem, em 1976, no Colóquio Mundial *Biologia e futuro do homem* tenha pronunciado a conferência “Qualidade da vida, dignidade da morte”.

Hoje, o investimento em pesquisas neurobiológicas, os mapeamentos genéticos acumulados em bancos de dados acoplados a disputas e consórcios farmacológicos-computo-informacionais, não se circunscrevem mais à clássica definição positivista de disfunção, mas ao conceito transfigurado de *transtorno* e suas inumeráveis tipologias, Transtorno de Personalidade Anti-Social; Transtorno da Personalidade Borderline; Transtorno Psicótico; Episódio Maníaco; Transtorno de Conduta; Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade.... e, simultaneamente, o conceito de transtorno vem acompanhado do redimensionamento de programas de segurança que pretendem responder a controles sociais alternativos, reparadores e restauradores.

Da mesma maneira que não há natureza ontológica do crime, não existe vida que seja invulnerável. Corpos brotam, medram, pulsam, crescem, adoecem, convalescem, vivem e morrem. Vida não se qualifica, tampouco se programa. Cada um sabe de suas intensidades.

Abolir<sup>12</sup> a naturalização do exercício psiquiátrico é uma saúde. Não uma saúde mental, corporal, dietal, neural, multifuncional, programática ou o que o valha. É uma saúde na existência, na lida da vida afeita ao risco; que não se dá sossego, caso se esteja disposto à recusa do desacostumar-se à própria vida, para experimentar e lembrar e relembrar e saborear os gostos de possíveis costumes livres. Fazê-los, prepará-los, de outros tantos jeitos ainda inusitados que possam provocar um enfrentamento voraz à moral, em gestos cotidianos, ordinários mesmo; atentos ao pretenso governo dos instintos colocado pela nova ciência da moral que se anuncia,

---

<sup>11</sup> CANGUILHEM, Georges. “O problema das regulações no organismo e na sociedade” In *Escritos sobre a medicina*. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 74.

<sup>12</sup> Ver Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) <http://www.nu-sol.org> ; em especial <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=58>

por meio de um dos desdobramentos mais avançados da neurociência, do qual e no qual o exercício psiquiátrico nutre e se nutre neste mesmo instante.

### **De volta às notícias, de frente ao texto**

E crianças engordam fileiras de testes e simulações para novos experimentos...

E o Boletim eletrônico do PIM (*Primeira Infância Melhor*) divulga que o coordenador da área de educação da UNESCO no Brasil veio ver de perto, em setembro de 2009, as atividades do programa em pequenas cidades do Rio Grande do Sul. O Boletim ainda reproduz as palavras do membro da Unesco: "Já conhecia o PIM, mas agora tive a oportunidade de entender bem como esse trabalho é realizado e como oferece muitos serviços importantes às famílias de áreas vulneráveis"

Em tempo, a sigla PIM não se refere apenas ao Programa Primeira Infância Melhor, mas, no Brasil, intitula também o novo Programa de Instrução Militar (PIM) do exército, ligado ao Ministério da Defesa. O manual do Programa passou a ser divulgado eletronicamente a partir de 2008 e já se encontra disponibilizado sua versão de 2009 e inclui aspectos do conceito de qualidade de vida.

Programas PIM: PIM (Primeira Infância Melhor), PIM (Programa de Instrução Militar). Mas não só. PIM (Partnership in International Management), (Parceria em Gerenciamento Internacional) criado em 1973, é um consórcio educacional de negócios internacionais para formação de lideranças conectadas, agora no século XXI, à forma mais avançada dos novos empreendimentos de parcerias: o neuro-empendedorismo. A 36ª Conferência Anual deste consórcio de compartilhamento ocorre agora, entre os dias 21 e 23 de outubro de 2009 em Austin, na Universidade do Texas, onde o museu e a biblioteca levam o nome de Lindon Johnson, a quem a literatura médica se refere ao remontar a história do termo qualidade de vida.

E André Thomas permanece em um manicômio no Texas, aguardando sua execução. E na transposição da assepsia do tribunal e do corredor da morte ao acompanhamento asséptico psiquiátrico, um vão. Um vão entre os mapeamentos: o hospício. As fissuras políticas de uma possível pequena aproximação histórica-política do que chamam qualidade de vida e do exercício da psiquiatrização atual da linguagem: "saber-se governar para se saber governado". Um vão que está na cara: Os buracos ociosos onde um dia giraram o globo de seus olhos.

## **Bibliografia**

Assessoria de Comunicação Social. “Governador sanciona lei que transforma Primeira Infância Melhor em política permanente” In Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, 11 de julho de 2006. Disponível em

<http://www.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=noticias&cod=1826>.

CANGUILHEM, Georges. “O problema das regulações no organismo e na sociedade” In *Escritos sobre a medicina*. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

DOTTI, René. “A crise do sistema penitenciário” In *Congresso Nacional de Execução Penal*. Rio de Janeiro, Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, 2003, p.12.

FLECK MP, LOUZADA S, et alli. “Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL - 100)” In *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, ABP, 21: 21-288 1999.

NU-SOL (Núcleo de Sociabilidade Libertária) <http://www.nu-sol.org> .

OMS. *Instrumentos de avaliação de qualidade de vida (WHOQOL)*, 1998. Disponível em <http://www.ufrgs.br/Psiq/whoqol.html> .

SEIDL, Eliane Maria Fleury e ZANNON, Célia Maria Lana da Costa. “Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos” In *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 20(2)580-588, mar-abr, 2004.

Ministério da Saúde, Brasil. “A origem do conceito de vulnerabilidade” In

[http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD\\_CHAVE=23792](http://www.saude.df.gov.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=23792) , 11/01/2006.

## **SITES**

FUNDAÇÃO SEADE, <http://www.seade.gov.br>.

PIM (Partnership International Manegement)

<http://www.pimnetwork.org/nuovo/>

PIM (Programa Primeira Infância Melhor)

<http://www.pim.saude.rs.gov.br/>

PIM (Programa de Instrução Militar)

<http://www.coter.eb.mil.br/html/pim.asp>